

Eduardo A. Tomanik (Coordenador),  
Saulo Luders Fernandes (Mestre em Psicologia)

### INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um processo inscrito no ciclo vital, como a infância, a adolescência e a maturidade. O ciclo vital ou curso de vida é o processo de desenvolvimento humano, que tem a sua gênese no nascimento e seu fim na morte. Tal processo é formado como uma rede multidimensional e não ocorre linearmente, como um contínuo no qual sucedem-se, de forma estanque, crescimento, maturidade e declínio. Há vários crescimentos e declínios durante todo o percurso do desenvolvimento (Neri, 2006).

O desenvolvimento, entendido como processo, não pode ser demarcado com exatidão. Segmentá-lo em períodos definidos por parâmetros cronológicos ou puramente biológicos implica em restringir a compreensão de um fenômeno complexo a apenas uma de suas dimensões.

Com o envelhecimento, de acordo com Netto (1997), ocorre o mesmo. Por ser parte do processo de desenvolvimento, ele é multideterminado. Sua compreensão exige a consideração de pelo menos três esferas complementares: a biológica, um processo natural, progressivo e dinâmico, que se manifesta em todos os indivíduos desde a geração e os acompanha até a morte; a psicológica, que diz respeito a um processo contínuo e interacional de ganhos e perdas e, por fim, a social, a partir da qual o envelhecimento pode ser considerado como uma construção social, já que as pessoas vivem e se desenvolvem com base em parâmetros e em sentidos socialmente construídos.

Não é possível delimitar claramente a linha que separa cada uma destas dimensões. Sempre que nos referimos a um processo orgânico, atribuímos a ele um significado que é cultural e que, ao mesmo tempo, reflete nossas experiências e disposições pessoais. O envelhecimento é biologicamente determinado, culturalmente resignificado e psicossocialmente representado e vivenciado.

As representações sociais são conjuntos de conceitos e explicações originadas na vida cotidiana, no contato entre os indivíduos e os grupos sociais. Elas propiciam, a partir de relações de comunicação, a construção de teias de significados, capazes de criar sentidos e de explicar efetivamente a realidade social (Moscovici, 2004).

As representações sociais não são elaboradas de forma isolada e independente, elas estão imersas em uma complexidade de formas de saber que engloba, entre outras estruturas, representações culturais e pessoais.

Representações culturais são elaborações que, por sua importância, persistem por períodos relativamente longos de tempo na história e nas práticas de grupos amplos e diversificados, como as sociedades modernas. Podem ser citadas, como exemplos destas formas de representações, as definições sobre os papéis sexuais, as considerações sobre o corpo humano, o ciclo de vida e morte, o tempo. Já as representações pessoais são conhecimentos e significados cunhados na história individual. Esta história não existe isolada da história da humanidade e da vida coletiva; porém, envolve experiências circunscritas às vivências de cada um e que irão influenciar a sua compreensão sobre o universo que o circunda e os fenômenos com os quais se defronta (Wagner, 2000).

Muitos dos idosos que residem na cidade de Porto Rico fizeram parte dos grupos de migrantes que participaram do processo de ocupação recente e que deram início às formas de exploração econômica intensiva da região ribeirinha do rio Paraná, especialmente na área que vem sendo objeto dos estudos do Site 6 - Remanescente de Várzeas do Rio Paraná, do Programa de Pesquisas Ecológicas de Longa Duração. Assim, as histórias pessoais destes pioneiros constituem e confundem-se com a história recente da região. Por isto, identificar e compreender as representações e as vivências atuais dos mesmos constitui uma forma auxiliar de conhecimento e de compreensão sobre as relações socioambientais e econômicas que ocorreram e que vêm ocorrendo na planície de inundação do alto rio Paraná e em seu entorno, e sobre as consequências destas relações.

## OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS

O processo de pesquisa que deu origem a este relato visou, de forma geral, analisar os processos de construção das representações sociais sobre o envelhecimento compartilhadas pelos participantes de um grupo de idosos da cidade de Porto Rico, no estado do Paraná. Especificamente, o estudo visou caracterizar os conteúdos cognitivos, afetivos e as práticas cotidianas que compõem as representações dos participantes do grupo estudado sobre a fase do desenvolvimento que vivem; analisar as interfaces das representações sociais, culturais e individuais presentes no cotidiano do grupo e, especialmente, acompanhar os efeitos de um processo de reflexão sobre estas representações, efetivado em conjunto pelos participantes da pesquisa.

A perspectiva metodológica adotada foi a pesquisa participante, que tem por finalidade, segundo Brandão (1981), não apenas investigar de forma passiva e retirar o conhecimento do grupo estudado, mas auxiliar a população envolvida a identificar os seus problemas e a elaborar formas de superação dos mesmo. Os processos de pesquisa participante visam não apenas elaborar descrições, mas realizar análises críticas e profundas sobre as percepções, atitudes, crenças e valores do grupo pesquisado, propiciando uma imagem detalhada do mesmo que possibilite a busca de soluções adequadas para a comunidade, por meio dos saberes elaborado coletivamente.

Os moradores envolvidos na pesquisa foram 19 idosos (17 mulheres e dois homens) que faziam parte do Grupo de Terceira Idade Renascer, que existe desde 2002. A idade dos participantes oscilava, no período de realização da pesquisa, na faixa de 53 a 74 anos. Havia apenas duas pessoas com idades inferiores a 60 anos, uma com 53 e outra com 58. A média de idade do grupo era de 65,3 anos.

O tempo médio de residência dos participantes no município e em seus arredores era de 39,7 anos. O município de Porto Rico foi fundado em 1964, ou seja, a 45 anos. Estes dados confirmam os participantes como pioneiros da região.

Nenhum integrante do grupo nasceu na cidade, todos são originários de outras regiões e imigraram na busca de terra para trabalhar e sustentar suas famílias. A maioria deles (11 pessoas) nasceu em estados da Região Sudeste do Brasil (7 no Estado de São Paulo, 3 em Minas Gerais e 1 no Espírito Santo); outros 5 nasceram em estados do Nordeste (Sergipe, Alagoas, Bahia, Paraíba e Pernambuco). Os demais vieram de outras localidades do Estado do Paraná.

Os primeiros contatos com o grupo foram estabelecidos em julho de 2007, quando foram apresentados os objetivos do estudo e obtida a concordância dos participantes. Posteriormente, foram efetuadas cinco observações assistemáticas, de caráter exploratório, no período de agosto a outubro de 2007. Após o reconhecimento inicial, iniciou-se uma fase de participação quinzenal do primeiro autor no grupo. Esta participação forneceu um registro mais acurado das condições do grupo e um contato mais próximo com a população, o que auxiliou na construção de um primeiro conjunto de análises.

Estas análises iniciais foram realizadas a partir de entrevistas semi-dirigidas, realizadas de forma individual na casa de alguns membros do grupo. Foram entrevistadas 14 pessoas, sendo 12 mulheres e 2 homens. Alguns membros do grupo não quiseram participar desta fase do processo. Os integrantes foram escolhidos por meio da técnica de “Bola de Neve”, na qual se escolhe a primeira pessoa a ser entrevistada e esta, ao final, indica outra pessoa do grupo a participar do processo.

Os objetivos da análise inicial foram a) conhecer as representações do grupo sobre o envelhecimento, quais eram as suas percepções, sentimentos e valores em relação a este processo e b) procurar compreender como eles concebiam e avaliavam o grupo de terceira idade.

As entrevistas foram estruturadas ao redor de três eixos principais: quais as atividades que eles realizavam, em seus cotidianos; como era o grupo de terceira idade; e, para eles, como era envelhecer. A partir destes pilares orientadores, as entrevistas foram transcritas integralmente e a análise das respostas permitiu a seleção de 7 categorias.

Em relação às atividades que realizavam, os idosos afirmam que não faziam mais nada e que, antigamente, sentiam-se mais úteis; sobre o grupo de terceira idade, a análise demonstrou que não havia um grupo, mas um agrupamento de pessoas que freqüentavam o mesmo lugar e o faziam por não ter outras possibilidades de encontros sociais. Em relação ao envelhecimento, foi possível perceber que havia duas formas de vivenciar a velhice: como uma fase de proveito e liberdade, e como um período de resignação, isolamento e perdas tanto físicas quanto sociais.

A análise inicial foi apresentada para o grupo em fevereiro de 2008. As discussões geradas à partir daí levaram à identificação de dois temas ou problemáticas de estudo. A primeira dizia respeito às atividades que exerciam, que, comparadas ao passado, eram percebidas como inúteis por eles, como se não fizessem mais diferença, tivessem perdido a função. A outra problemática identificada estava centrada na insatisfação dos idosos com o grupo de terceira idade, percebiam que havia pouco envolvimento e participação assídua dos membros.

Foi resolvido, em conjunto, que reservaríamos dois a três encontros para a discussão de cada problemática. A discussão sobre as atividades dos idosos levou três encontros e iniciou-se com um questionamento, que elaboramos, sobre o tema: “O que o idoso pode fazer?”. As respostas podem ser sintetizadas em dois grupos: os idosos podem realizar trabalhos assistencialistas em projetos da prefeitura e na igreja ou realizar algumas atividades, mas estas não são produtivas, não ajudam em nada na comunidade. Nas palavras dos participantes, “a gente limpa a casa, cuida dos netos, faz comida, mas nada de muito valor não, só as coisas do dia-a-dia mesmo, nada muito importante” (Armélinda 67 anos); “a vida nossa é essa só em casa, às vezes lembrando o passado, conversando, vindo aqui no grupo dançar, só isso” (Jurassi 70 anos).

Levantamos a importância das experiências vivenciadas por eles, tentando mostrar como elas retomavam o passado e reconstruíam um universo já perdido. No desenvolvimento

destas discussões, vários dos idosos passaram a perceber-se como cuidadores da memória cultural da comunidade e algumas atividades como a culinária e os contos de vida passaram a ser valorizadas, já que faziam parte de um processo de resgate das tradições e das raízes daquela população.

Quanto à segunda problemática, a insatisfação dos idosos em relação ao grupo de terceira idade, eles perceberam, por meio das discussões, que não havia envolvimento dos membros nas atividades, visto que nunca tinham realizado algum projeto que envolvesse e que fosse realmente do grupo. As atividades realizadas até então eram sempre sugeridas e dirigidas por, que já as haviam planejado e pensado, cabendo a eles somente participar.

Após a discussão do grupo sobre os resultados da análise inicial, tanto pesquisados quanto pesquisadores conseguiram compreender, de forma mais clara, os temas e problemas discutidos, o que possibilitou traçar planos de ação para possíveis soluções dos problemas. A fase de planejamento de uma estratégia de ação iniciou-se com certa dificuldade por parte dos investigados. Quando perguntamos a eles o que devia ser feito para a resolução da problemática, frases como estas apareceram: “Ah, não sei não, mas você deve saber. Qual é o caso? O que o senhor quiser a gente faz, ou pelo menos dê uma idéia que a gente desenvolve” (Conceição, 73 anos). Ante estes questionamentos, retomamos novamente a discussão sobre o que eles poderiam fazer, ou qual seria a função deles como idosos. Nessa discussão, eles manifestaram o desejo de trabalhar com alguma coisa que envolvesse as histórias de vida, receitas de culinária, ou histórias de pescador e lendas antigas.

Realizamos uma síntese da discussão com seu desfecho na idéia da formulação de um livro do grupo sobre histórias de vida, contos de pescador e receitas culinárias. A proposta formulada foi de que, a cada encontro, duas pessoas contariam a sua história para o grupo. Desta forma, não somente as pessoas que contavam a história participariam do livro, mas o grupo estaria envolvido como um todo. Como a maioria do grupo não frequentou a escola, os relatos foram gravados pelo pesquisador, que os transcreveu para a elaboração do livro.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto de formulação do livro transformou-se em parte integrante dos objetivos da pesquisa. O livro tornou-se o instrumento pelo qual as problemáticas levantadas pelos investigados puderam ser compreendidas já que, por intermédio dele, os idosos conseguiram refletir sobre as atividades que exercem hoje, como reedificadores do passado. Os relatos de vida abriram possibilidades para os idosos atuarem, com base em suas vivências e

experiências, como reconstrutores da história, mostrando que tal atividade não é supérflua ou desnecessária, afinal recuperar o passado e reconstruí-lo no presente é um trabalho árduo de conservação das tradições e da cultura.

O livro possibilitou, também, reflexão e mudança sobre as problemáticas que concernem ao grupo de terceira idade. O desenvolvimento de uma atividade comum, que o próprio grupo formulou e projetou, possibilitou a construção de novas relações e configurações no grupo.

O grupo envolveu-se efetivamente no projeto. Vários dos participantes afirmaram que, nos discursos sobre as vidas dos outros, encontravam o seu próprio passado, viam retornar o mundo em que viveram: “é muito bom ouvir as histórias, me sinto como que voltando ao passado e vejo muita coisa na história dos outros que aconteceu comigo. Principalmente a vida de trabalho e as fases de sofrimento” (Isaura, 68 anos).

A partir destas reflexões e discussões os idosos puderam elaborar novos sentidos para os acontecimentos de suas vidas cotidianas, desenvolvendo novas representações ou atualizando as anteriores. Estes movimentos de re-significações nos permitem considerar as representações como processos e não apenas como produtos finalizados.

Pensar as representações como processos envolve compreendê-las como formas que se configuram nas trocas discursivas e nas relações sociais. O movimento de construção, fragmentação e re-significação dos objetos representados, ocorre de forma incessante, por vezes alterando a representação como um todo e outras somente seus pontos periféricos. As representações que se encontram enraizadas na cultura ou na vida cotidiana dos grupos, alteram-se de forma mais lenta e gradativa, enquanto as que apresentam características emergentes são mais voláteis. Todavia, este movimento de re-configuração está sempre presente, mesmo que de forma sutil e mínima nas práticas e percepções da vida social.

No desenrolar da pesquisa, a partir das discussões e experiências vivenciadas pelos participantes e pelo pesquisador, revelaram-se algumas representações emergentes que foram classificadas e analisadas em categorias distintas: o idoso como memória da comunidade, o idoso como o detentor do conhecimento do ciclo vital e o envelhecimento como processo vinculado à natureza.

### **O idoso como memória da comunidade**

Esta categoria começou a transparecer no grupo no momento em que sentiram o desejo de produzir um livro com suas histórias de vida, o que trouxe a eles a responsabilidade

de re-construir o passado, muitas vezes quase esquecido. A princípio, o objetivo do livro aparecia como limitado ao registro de vivências e experiências de vida de cada integrante, restrito a sua história pessoal. Todavia, a cada encontro, no qual dois idosos contavam suas histórias, os outros começaram a sentir-se parte daquela vida lembrada. Não percebiam aquelas vivências como concernentes somente à história pessoal do narrador, pois elas se entrelaçavam às suas reminiscências, tecendo uma rede, na qual transparecia uma história em comum, com formas de vida, saberes e valores partilhados, revelando a memória social daquela comunidade.

Como afirma Brandão (1998), o ato de rememorar inicia-se nos recônditos mnemônicos dos sujeitos, porém estas lembranças tornam-se vivas ao serem partilhadas com outros. As reminiscências ganham materialidade na medida em que participam delas pessoas com quem se viveu e elementos culturais e sociais da época em que aconteceram. As lembranças são dos sujeitos, mas estão inscritas na vida de outros e em um determinado tempo. A história pessoal está imersa na memória social de grupos e comunidades, faz parte da vida coletiva.

“É verdade, aquela época foi dura. Todo mundo aqui é de fora, talvez um ou outro, são daqui de perto da cidade, mas a maioria é de fora. Trabalhamos tudo por estas terras aqui de perto, foi uma vida dura, sair de longe com a filha no colo e outro no chão e vir pra cá. Acho que todo mundo tem um caso parecido, de sair de longe querendo melhorar a vida. Passei muita necessidade, mas hoje estou bem com a vida que tenho” (Maria Mercedes, 65 anos).

Os idosos do grupo investigado apresentam histórias em comum; eles deixaram para traz, a terra na qual nasceram e viveram partes significativas de suas vidas, para buscarem em outra a oportunidade de ter um roçado para plantar e sustentar a sua família. Vidas marcadas pelo trabalho e pela migração: da despedida da terra natal, a vida aos arredores de Porto Rico, em sítios e fazendas e posteriormente para vida nas ilhas, lembradas como momentos de fartura, e por fim a mudanças para o centro urbano do município.

São estas vivências e lembranças em comum, compartilhadas por eles, que perfazem o sentimento de guardadores das tradições, da cultura e da memória da comunidade.

O idoso, ao partilhar suas experiências no grupo, mobiliza em seus companheiros, como num movimento de espelho, no qual se vêem na vida do outro, lembranças de tempos idos. Neste entrelace de recordações e memórias, os idosos trabalham em conjunto na montagem de um quebra-cabeça, no qual cada peça é figurada como um momento ou um fato que partilham, procurando atribuir sentidos e significados à silhueta que se forma a cada peça e lembrança recordada.

A narração dos idosos sobre suas histórias de vida proporcionou a desestabilização dos núcleos representacionais presentes e a construção de novas formas de representação da velhice e seus processos. O envelhecimento passou a ser ancorado de forma positiva, como um momento de reconstituição do passado e os idosos passaram a ser objetivados como os guardiões da memória social da comunidade. Afinal, quem melhor para contar e transmitir os acontecimentos de outro tempo se não aqueles que o viveram? Os integrantes do grupo começaram a se perceber como histórias vivas e a valorizar o conhecimento que formaram.

“Quando penso na história da minha vida vejo que tenho muito para ensinar mesmo. Aqui da cidade tenho muitos casos que vivi e que lembro perfeitamente, e que essa moçada de hoje nem imagina. Naquela época aqui na cidade nem médico tinha, na verdade nem cidade tinha direito. Era mais o rio mesmo. Para cuidar da saúde a gente foi aprendendo, coisas que vinham da mãe ou da avó. Receitas caseiras para curar tudo que é tipo de doença. E olha lá, heim? Sem estudo nenhum, só com coisas que aprendi com a mãe, a avó e tias. Tudo com erva do mato, remédio ninguém tomava não, e o povo era mais saudável que hoje viu? Curei até bronquite de sobrinha e filha. Às vezes, quando precisa, ensino as filhas e faço umas misturas para ajudar algum neto” (Jurassi, 70 anos).

Ao ouvir as vidas narradas percebemos que a história não é limpa e linear como se apresenta nos registros oficiais. Ao olhar para os integrantes do grupo de terceira idade vemos a história daquela comunidade em cada rosto marcado pelo sol e mãos com sulcos do trabalho na roça ou nas, quantas redes puxadas durante a vida. Estes idosos construíram o presente e trabalham para a transmissão e conservação do passado no tempo futuro.

O livro sobre histórias de vida atuou como um mecanismo de intervenção para a formação de representações divergentes daquelas encontradas anteriormente no grupo. Este processo de construção de novas formas de representar a velhice configurou-se não apenas no interior do grupo, no formato de representações sociais; ele se transferiu para várias de suas práticas cotidianas, para suas representações pessoais sobre si mesmos e sobre seus papéis sociais. Eles passaram a valorizar os conhecimentos, saberes e valores que trazem consigo, que foram constituídos ao longo de suas vidas.

Os idosos atuam, por meio de suas reminiscências, como arqueólogos, que procuram reconstruir sentidos e significados de artefatos que resistiram à ação do tempo e que se apresentam, mesmo que desgastados, ainda vivos no presente.

## Os idosos como os detentores do conhecimento do ciclo vital

No processo de pesquisa, por meio do grupo de discussões e pela produção do livro, os idosos iniciaram um movimento de re-significação e configuração da função social da velhice. Dos questionamentos e problemáticas iniciais levantados sobre as atividades que os idosos realizavam, nos quais se percebiam como aqueles que executavam tarefas voltadas somente ao seu universo pessoal, passaram a valorizar a velhice, ao se conceber como aqueles que trazem lembranças, memórias e um conhecimento que ao ser reconstituído e transmitido a outros, pode explicar e trazer um novo sentido à realidade presente.

Estes conhecimentos, que construíram durante a vida, não se restringem somente a saberes práticos do dia-a-dia. Os idosos se reconhecem como os detentores do conhecimento sobre a vida e seus percalços. Eles vivem o desfecho do ciclo vital e, por terem experienciado este processo como um todo, percebem-se capazes de compreendê-lo em suas minúcias e seus movimentos. “Hoje mesmo não me preocupo com a vida, porque ela é assim mesmo. A vida se vive. Não adianta querer apresar as coisas, ela acontece. Parece que agora, com essa idade, consigo ver como ela acontece e se faz” (Nair, 69 anos).

Na velhice se consegue olhar para a vida e seus acontecimentos de forma diferente, pois já se conhece seus obstáculos. Os problemas cotidianos, tão enaltecidos e enfrentados pelos mais jovens, tornam-se pequenos e se estilhaçam diante do grande movimento que é o ciclo vital. Para os idosos investigados não há como comandar a vida, ela se vive e suas preocupações se esmiúçam quando são vistas pelos olhos daqueles que já passaram pelos seus conflitos e problemáticas.

“Eu mesma já passei por tudo o que meu neto está passando. Quando acontece alguma coisa dura na vida dele, eu olho e não vejo problema nos problemas dele. Depois que a gente passa pela vida, parece que entendemos mais como ela funciona. Ela é como tudo, neste mundo, cheio de voltas. Cada fase para uma coisa. O mistério da vida não dá mais medo. Como na roça do meu tempo: tem época para plantar e para colher. Tudo no seu tempo, sem a gente precisar correr muito” (Isaura, 68 anos).

A representação social dos idosos como conhecedores do ciclo vital lhes oferece uma valoração positiva, como os que possuem o saber da vida e de seus percalços, pois somente eles estão tendo o privilégio de vivenciar esta etapa final que muitos não conseguem alcançar, como afirma Maria Luzinete: “eu agradeço por viver esta fase da vida, não são todos que chegam aqui e podem ver a vida do jeito que vejo”.

## O envelhecimento como processo vinculado à natureza

A concepção do idoso como detentor do conhecimento da vida e de seus movimentos e mistérios, compartilhada pelos envolvidos na pesquisa, provavelmente é derivada das representações da cultura tradicional, à qual eles estiveram e ainda estão, ao menos em parte, vinculados. Faz parte das culturas tradicionais a compreensão o homem como ser integrado à natureza, que faz parte de seus processos e ciclos. O envelhecimento se configura, para estes idosos, como mais uma etapa deste grande movimento cíclico da natureza que é a vida.

Com exceção de uma pessoa, que trabalhou como funcionária pública, todos os demais participantes do processo de pesquisa realizavam, desde a infância, trabalhos que envolviam relações diretas com a natureza. Por esta atuação e por terem sido criados em famílias para as quais o sustento estava ligado diretamente aos fenômenos naturais (períodos sazonais de chuva, estiagem, piracema, entre outros), estes idosos trazem consigo um saber prático sobre a natureza e seus ciclos, típico das culturas tradicionais.

Embora, à rigor, o grupo estudado não exiba todas as características descritas por Diegues (2004) como próprias das populações tradicionais, por sua inserção no meio e em atividades tipicamente urbanas, ele ainda preserva muito dos conhecimentos e das construções culturais típicas destas populações. As reflexões e discussões realizadas mostraram que, em suas concepções, não há diferenciações ou separações claras entre os seres humanos e a natureza. Foi nas relações com ela e com seus ciclos que eles se constituíram. Eles estão imersos na natureza como mais um ser que depende dela para sobreviver. A natureza não é somente um objeto, sobre o qual a razão humana se debruça com o objetivo de construir um conhecimento capaz de dominá-la e controlá-la, como afirma Moscovici (2007), sobre os projetos seminais da ciência e das sociedades modernas.

“Eu gosto do roçado e da pescaria, foi lá que vivi grande parte da minha vida, tudo que sei tirei de lá, até o meu ganha pão. A pesca e a roça me criaram. A gente aprende muito neste tipo de vida, vê que nada acontece por acaso, as coisas tem um porque, como a nossa vida” (Maria de Lurdes, 74 anos).

Estes idosos adotam, em lugar de formas de relações técnicas e utilitárias, uma dimensão de respeito para com a natureza. Há uma relação de troca entre eles e a vida natural, relação esta denominada por Brandão (1994) como ética de reciprocidade, na qual a natureza deixa de ser um objeto de domínio cindido do sujeito, para ser concebida como um ser ativo na construção do homem e da realidade.

Este saber formado sobre a natureza não se restringe aos trabalhos realizados sobre a

mesma, como a hora de plantar e a lua certa para pescar. Ele transpõe esta relação e se constitui, no plano da vida cotidiana, como um conhecimento que auxilia os sujeitos na compreensão e explicação dos acontecimentos e fenômenos da realidade social na qual estão inseridos. Como pontua Brandão (1994, p. 29): “a própria natureza não se dá, não aparece para o homem como um ‘dado bruto’, exterior a ele, mas já como feixes e teias de significados. Os homens não reagem ao ambiente. Reagem simbolicamente à sua própria reação ante o mundo natural”.

Tal saber norteia as práticas e as vivências cotidianas dos sujeitos pertencentes à estas populações, atuando como um elemento transformador na construção e configuração de suas representações sociais.

As representações tecidas pela cultura tradicional interferem na forma com que os idosos representam o envelhecimento e os processos a ele circunscritos. A relação de integração entre homem e natureza vivenciada por estes idosos os faz representar o envelhecimento como parte de um grande movimento cíclico que está presente na natureza, como uma fase pela qual todos os seres vivos passam ou passarão.

“Sabe, não sei se me sinto velha, para algumas pessoas parece que ficar velho é morrer. Para mim não, ficar velho é só mais uma fase desta natureza. Os animais não ficam velhos também e morrem? É assim com a gente também. A vida tem que se deixar viver, não tem como segurar a velhice ela vem com tempo, acontece” (Maria Luzinete, 73 anos).

“Na roça a gente aprende muito, percebe que tudo nasce e vive e novamente nasce e vive. O arroz, o peixe, tudo. Não tem como segurar a folha quando ela quer cair. Ela cai. Parece que, quando vemos assim a vida, tudo fica mais tranquilo” (Isaura, 68 anos).

A compreensão de sentir-se e perceber-se parte da vida natural, como mais um ser, traz uma sensação de alívio e tranquilidade ao idoso, ele compreende que está fechando um processo que foi desencadeado no início de sua vida.

Já homem urbano, amparado pelo ideal da ciência moderna, concebe a natureza como apenas um elemento que sua racionalidade científica deve desvendar e dominar. Para os participantes das culturas tradicionais, que se vêem como parte integrante da natureza, é fácil considerar que não há como refrear e conter o tempo e as marcas que este traz com a velhice.

“Podemos comparar a gente como uma flor que sempre tem que ser aguada e regada para florescer. Mas perceber também que um dia as flores caem para dar novas flores. Ver os filhos casados e os netos é muito bonito, a gente percebe que fizemos parte dessa vida, dessa grande vida e que a natureza tem que dar seu fim” (Jurassi, 70 anos).

O conhecimento tradicional auxilia na compreensão do envelhecimento como um

ciclo natural. Esta representação cultural orienta as práticas e as relações que os idosos investigados estabelecem em suas vidas e com a natureza. A forma com que os idosos do grupo de terceira idade representam socialmente o envelhecimento, como uma fase de passagem de um ciclo natural, co-habita a esfera das representações culturais da cultura tradicional a qual pertencem e revela-se presente nas representações pessoais da velhice concebida por eles.

“O trabalho do livro e com a terceira idade ajudou muito a gente, sabe? Agora percebo que faço parte de uma história, a minha vida faz parte aqui de Porto Rico. E as lembranças que tenho traz a história do rio. Nós velhos somos a história desta cidade. O passado está na gente” (Conceição, 73 anos).

## REFERÊNCIAS

- Brandão, C. R. Introdução. In: Brandão, C. R. (Org.). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- Brandão, C. R. (1994). *Somos águas puras*. São Paulo: Papirus.
- Brandão, C. R. *Memória/Sertão*. São Paulo: Cone Sul, UNIUBE, 1998.
- Moscovici, S. *Representações sociais: investigação em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- Moscovici, S. *Natureza: para pensar a natureza*. Rio de Janeiro: Mauad X, Instituto Gaia (EICOS), 2007.
- Neri, A. L. Paradigmas contemporâneos sobre o desenvolvimento humano em psicologia e em sociologia. In: Neri, A. L. (Org.), *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas: Papirus, 2006.
- Netto, A. J. *Gerontologia Básica*. São Paulo: Lemos Editorial, 1997.
- Wagner, W. Sócio-gênese e características das representações sociais. In: Moreira, A. S. P. & Oliveira, D. C. (Orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, 2000.